

Igreja Universal em Portugal: tentativas de superação de um estigma

Claudia Wolff Swatowski¹

Resumo: *A instalação da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, no início dos anos 90, foi marcada por uma forte reação da sociedade local. Diferentes episódios envolvendo a IURD geraram tensões e conflitos, e contribuíram para o fortalecimento de um estigma em torno da denominação. Desde então, a Igreja Universal optou por rever sua postura e investir em uma remodelação de sua apresentação no espaço público. Neste artigo, procurarei explorar as tentativas de superação de um estigma por parte da IURD e suas ambivalências. A partir de dados etnográficos, também procurarei identificar as bases da resistência à denominação.*

Palavras-chave: *Igreja Universal do Reino de Deus; Pentecostalismo; Portugal; estigma*

Abstract: *The installation of the Universal Church of the Kingdom of God in Portugal, at the beginning of the decade of the 90s, was followed by a strong reaction of the local society. Different episodes involving the UCKG generated tension and conflicts, and contributed to the strengthening of the stigma around the denomination. Since then, the Universal Church opted to revise its posture and to invest on remodelling its own presentation on the public sphere. In this article, I intent to explore the UCKG's tentative of overcoming the stigma and its ambivalences. From ethnographic dates, I will also try to identify the basis of resistance against the denomination.*

Keywords: *Universal Church of the Kingdom of God; Pentecostalism; Portugal, stigma*

Résumé: *L'installation de l'Église Universelle du Royaume de Dieu (IURD) au Portugal, dans le début des années 90, a été marquée par des fortes réactions de la société locale. Des différents épisodes en impliquant l'IURD ont produit des tensions et des conflits, et ont contribué à l'endurcissement d'un stigmatisme autour de la dénomination. Depuis lors, l'Église Universelle a opté de réviser sa position et d'investir à la retouche de sa présentation dans l'espace public. Dans cet article, je chercherai à explorer les tentatives de surpassement d'un stigmatisme de la part de l'IURD et leurs ambivalences. À partir de données ethnographiques, je chercherai aussi à identifier les bases de la résistance à la dénomination.*

Mots-Clés: *Église Universelle du Royaume de Dieu, Pentecôtisme; Portugal; stigmatisme.*

¹ Claudia Wolff Swatowski é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ)

Em novembro de 2007 aterrisei em Portugal com o objetivo de pesquisar a inserção da Igreja Universal do Reino de Deus naquele país. Trazia em minha bagagem a experiência de anos de pesquisa em torno da denominação no Brasil, com foco privilegiado nas dinâmicas dos meios de comunicação de massa utilizados pela IURD (Swatowski, 2003, 2006, 2007, 2009, Mafra e Swatowski, 2008). Tinha como suporte uma ampla bibliografia em torno das dinâmicas rituais, aspectos teológicos e características institucionais da Igreja Universal (Campos, 1997, Corten et alli, 2003, Fonseca, 1997, Gomes, 2004, Kramer, 2001, Mariano, 1995, 1999, Oro, 1992, 1996, 2004, entre outros). Especialmente contava com a etnografia escrita por Clara Mafra, minha orientadora, a partir de pesquisa de campo sobre a IURD em Portugal (Mafra, 2002).

Não demorou muito para que eu percebesse que, passados 18 anos desde a chegada da Igreja Universal à terra lusa, a denominação continuava a procura de um lugar de legitimidade na sociedade portuguesa. Após frequentar alguns cultos da IURD e acompanhar a atuação da denominação por algumas semanas, tornou-se evidente que a Igreja Universal buscava driblar um forte estigma que carrega. Os rumos de minha pesquisa se definiram desde então.

Depois de uma agressiva entrada em Portugal, seguida de uma forte reação da sociedade portuguesa, a Igreja Universal adotou, neste país, novas formas de apresentação no espaço público. Ao longo deste artigo, analisarei a construção do estigma em torno da IURD e suas bases. Também explorarei as respostas da denominação a resistências, assim como apontarei para as ambivalências que surgem neste jogo de negociação em torno de sua imagem.

Começarei rementendo o leitor a um episódio vivido durante trabalho de campo em um Centro de Ajuda Espiritual – como atualmente são chamados os lugares de culto da IURD em Portugal². Em 2008, Jorge³ era o pastor responsável pelo Centro de Ajuda Espiritual da freguesia⁴ da Ajuda, em Lisboa. Na minha primeira visita ao local, apresentei-me como estudante e pesquisadora. Trazia um questionário nas mãos. Jorge

² O trabalho de campo em Portugal foi viabilizado pela concessão de bolsa CAPES de estágio de doutorado no exterior.

³ Nome fictício.

⁴ Em Portugal, freguesia é a menor unidade administrativa e obrigatória. No concelho de Lisboa, existem 53 freguesias. Os bairros correspondem a subdivisões recorrentes em freguesias urbanas de densidade populacional significativa, porém sem qualquer caráter administrativo.

recebeu-me com discreta simpatia e respondeu com naturalidade às minhas perguntas. A conversa com o pastor se estendeu para além da pauta pré-estabelecida. Vendo meu interesse em saber mais sobre o Centro de Ajuda Espiritual, começou a contar sobre sua experiência. Foi explícito em associar o Centro de Ajuda Espiritual à Igreja Universal do Reino de Deus, dizendo-me que “é a mesma coisa”. Então, perguntou-me se eu já conhecia a IURD do Brasil e indicou-me que, quando eu retornasse ao meu país de origem, poderia procurar uma Igreja Universal para frequentar as reuniões e ter o mesmo tipo de atendimento. Com isso, o pastor apresentava-me a dimensão transnacional da organização e apontava para uma continuidade de padrões e sistemas, mesmo tendo aquele lugar de culto um outro nome na fachada.

Dando seguimento a nossa conversa, ao saber de mais detalhes de minha situação em Portugal, Jorge identificou-se com a minha condição. Disse-me que também veio para Portugal como estudante, com bolsa de estudos, mas, no seu caso, acabou não retornando à Angola. Tornou-se pastor da Universal e interrompeu o curso de Gestão (Administração) que lhe trouxera à Portugal. Sua percepção era de que a viagem para a Europa era um plano de Deus. Entendeu então, que, de acordo com este plano divino, deveria ficar em Portugal, abandonar a faculdade e tornar-se pastor. Tomada a decisão, teve de enfrentar algumas resistências. Conforme me contou, sua família, no início, não concordou com sua opção. Com o passar do tempo, seus pais aceitaram a conversão. Entretanto, apenas nos últimos anos os demais familiares começaram a aceitar que ele tenha largado sua carreira para ser pastor da IURD.

Ao continuar a conversa, apresentou-me sua visão em relação à experiência de ter se convertido à Universal e ter escolhido trilhar o caminho de pastor dentro da denominação. Disse-me: “é que nem casar com alguém que as pessoas acham que é feio e ficam colocando defeito”. Ele continuou: “Mas se você tem certeza de que é isso que você quer, você vai em frente e não se importa com o que as pessoas falam”. E prosseguiu com o assunto como se estivesse me preparando para a possibilidade de ter de enfrentar algum tipo de reprovação.

A analogia esboçada pelo pastor do Centro de Ajuda Espiritual parece-me bastante significativa. Ainda que neste episódio seja possível reconhecer o apontamento de uma dupla problemática – a mudança na trajetória profissional para se tornar um pastor evangélico e o pertencimento à IURD –, o segundo merece maior destaque. O simples fato de ele ter recorrido a tal referência nesse nosso primeiro contato torna

evidente que uma imagem negativa da denominação estava em jogo. O agente religioso sinalizava um reconhecimento e uma tentativa de relativização de um estigma através da analogia entre a IURD e uma mulher feia.

Goffman (2008), em seu estudo clássico sobre a manipulação da identidade deteriorada, assinala que a feiura caracteriza um estigma na medida que afeta diretamente as interações face-a-face. O autor recorre à feiura como exemplo do impacto da visibilidade de um estigma. Neste caso, Goffman sublinha que, embora se desqualifique inicialmente o portador do estigma, é possível dissociar competências do atributo estigmatizante. Neste contexto, eu diria que o pastor da Ajuda, na sua analogia, não só apontava para a evidência de um estigma em torno da IURD e de seu impacto social, como também procurava sinalizar a superficialidade de tal percepção.

A partir disso, poderíamos nos perguntar: como se dá a negociação da presença da IURD em Portugal? Como uma imagem estigmatizada em torno da Igreja Universal teria se constituído naquele país? Quais argumentos de acusação da IURD? Quais os limites de negociação em torno de um estigma? Quais as estratégias utilizadas pela denominação neste contexto? Estas são algumas das questões que eu procurarei desenvolver ao longo deste artigo.

Construção de um estigma

A Igreja Universal do Reino de Deus chegou a Portugal em 1989, com a inauguração do primeiro espaço de cultos em 18 de dezembro, na Estrada da Luz, em Benfica, cidade de Lisboa (Martins e Rosa, 1996)⁵. Logo investiu na compra de horários

⁵ Segundo o site oficial da Igreja Universal no Brasil (acesso em 15/12/2009), a expansão interacional da denominação teve início em 1980, com a instalação de um espaço de cultos em Nova York (EUA). Porém, de acordo com o site da IURD em Portugal (acesso em 15/12/2009), a Universal se estabeleceu nos EUA em 1986. Freston (2001) aponta que a denominação começou a estabelecer, de fato, templos oficiais fora do Brasil em 1985, quando abriu uma igreja no Paraguai. Freston aponta que, em 1989, além de chegar a Portugal, a IURD se estabeleceu na Argentina e no Uruguai. A expansão se tornou mais intensa a partir dos anos 1990. Estima-se que, em 1995, o número de templos instalados no exterior era de 221; em 1998 já seriam 500; e mil templos em 2001. Segundo o site da Universal no Brasil (acesso em 15/12/2009), a denominação mantém hoje mais de 4.700 templos em 172 países. Pode-se dizer que, na maioria deles, a sua implantação é simbólica, na medida em que mantém poucos templos e sua penetração é bastante restrita. Portugal, contudo, está entre os países em que a IURD alcançou uma expansão significativa juntamente com Argentina, Venezuela, Reino Unido, Costa do Marfim, Moçambique, África do Sul e Estados Unidos (Corten et alli, 2003). Portugal foi considerado uma porta de entrada estratégica para a Europa e para a “fila” dos migrantes portugueses espalhados por aquele continente (Aubrée, 2000).

para radiotransmissão. Em 1992, a rádio Placard, no Porto, a Miramar e a Audisinha, em cidades do distrito de Lisboa (idem). No mesmo ano, a IURD comprou o prédio do antigo cinema Império, espaço suntuoso localizado em uma esquina de uma área tradicional de Lisboa, na Alameda (Farias, 1999). O local se tornou a sede da denominação em Portugal e emprestou à Igreja Universal sua arquitetura imponente, sua estrutura propícia à reunião de grande número de pessoas e uma boa localização. A substituição de um espaço tradicional de lazer por um espaço de culto de uma igreja evangélica brasileira, em especial a IURD, colaborou para que a denominação, já nesse momento, despertasse comentários, reações e resistências entre os portugueses.

Desde a chegada da denominação em Portugal, reverberam notícias que questionam a idoneidade da instituição. Polêmicas que tinham como palco central o Brasil também costumavam atravessar o Atlântico e alimentar o imaginário português em relação à Igreja Universal. A partir de pesquisa sistemática nos principais jornais que circulam ou circulavam em Portugal à época, é possível se ter um esboço de como informações sobre a IURD repercutiram naquele país.

Em 29 de Junho de 1992, o Público, um dos jornais de circulação nacional com maior prestígio em Portugal, publicou matéria intitulada “Edir Macedo, “bispo” do Reino de Deus no Porto. Justiça brasileira emitiu ordem de prisão preventiva”. Noticiava-se a reunião de milhares de pessoas no Porto ao mesmo tempo que dava-se destaque às acusações sobre Edir Macedo que circulavam no Brasil – “onde é acusado de prática de charlatanismo e se suspeita de ligações com o narcotráfico”.

No mesmo ano, foi publicada a nota “Evangélicos contra seita brasileira”, no diário portuense já extinto O Jornal (09/10/1992). Nesta, era noticiada reunião do congresso dos evangélicos portugueses, no Porto, para “lutar contra o que considera falsos evangélicos, sobretudo a chamada Igreja Universal do Reino de Deus, chefiada pelo brasileiro Edir Macedo, acusada de ‘pretender enriquecer à custa do milagre com hora marcada’”.

As críticas contra a Igreja Universal ganharam força quando ela chegou ao norte do país, região em que se considera a tradição católica mais forte. Em 1995, ao comprar o Coliseu do Porto, a denominação começou a ser alvo de fortes contestações. O caso gerou significativos protestos contra a venda do local para a Igreja Universal, ato considerado uma ofensa, dada a importância cultural do edifício a nível nacional. Na ocasião, chegou a se formar um grupo organizado, que, junto com uma forte pressão da

mídia nacional, conseguiu que a venda do espaço fosse desfeita. Uma grande quantidade de notícias sobre o caso circulou pelo país e a polêmica ganhou força com a participação de artistas e pessoas públicas – que se posicionaram em defesa do Coliseu.

Por fim, formou-se a Associação Amigos do Coliseu. Em acordo com a empresa proprietária do espaço, a Secretaria de Estado da Cultura e a Câmara Municipal do Porto, a associação assumiu a direção do Coliseu em agosto de 2008 e administra uma programação de espetáculos até os dias atuais. Em visita ao Coliseu, uma funcionária do setor administrativo sublinhava que o motivo da mobilização do grupo era a manutenção do espaço como centro cultural e não uma reação contra a Igreja Universal.

Ainda assim, alguns meses depois, no mesmo ano, 1995, também no Porto, a IURD voltava a ser combatida. Um cerco aos fiéis da IURD seguido de agressões verbais e físicas ocorridas num centro comercial em Matosinhos (arredores do Porto) – onde a denominação mantinha como espaço de culto uma sala de cinema – foi o segundo episódio que teve destaque nos canais midiáticos à época.

De 1995 a 1997, intensificaram-se as matérias em torno da denominação. De maneira geral, procuravam cobrir e questionar suas ações, principalmente no Brasil e em Portugal. Em 27/08/1995, o Público publicava uma reportagem de destaque intitulada “Portugal Universal”. Nesta, os jornalistas Alfredo Leite e David Pontes escreveram que a “Igreja Universal do Reino de Deus infiltrou-se no nosso quotidiano, importando novas linguagens, estranhos ritos, uma outra forma de difundir a fé”.

A intensa reação à presença da IURD em Portugal, experiência semelhante à vivida no Brasil, foi tratada pela denominação, em ambos os contextos nacionais, a partir de teorias persecutórias (Mafra, 2002). Nessas, os episódios de resistência, difamação e acusação foram vistos pela igreja como uma prova prevista bíblicamente. Ou seja, a oposição é um desafio que inevitavelmente encontram os representantes de Deus. Persistir e seguir em frente torna-se a prova do mérito do crente. Dessa forma, a IURD enfrentou as adversidades e prosseguiu noticiando a abertura de novos templos, realizando eventos de massa e veiculando programas de rádio e televisão, além de manter o próprio impresso. Como aponta Mafra (2002), a Universal deslocou o discurso persecutório da lógica de vitimização para a de competição com eficácia. E, desta forma, procurou fazer com que a visibilidade alcançada através de escândalos revertesse a seu favor.

No período inicial, a IURD também lançou fortes críticas à Igreja Católica,

traçando uma nítida oposição à hegemonia da tradição apostólica romana. Articulações contra a Igreja Católica eram frequentes, por exemplo, nas páginas da Tribuna Universal. Em pesquisa às edições do jornal distribuído pela denominação, chama a atenção a sessão intitulada "Histórias do clero romano", que foi publicada em 1994 e 1995 e trazia críticas diretas à Igreja. Em edições de 1994, lê-se: "Património católico é subsidiado pelos contribuintes portugueses" (25/12), "Igreja Católica vê-se em maus lençóis para explicar novo caso de abuso sexual desta vez envolvendo monge beneditino" (25/09), "No Rio de Janeiro, padre tenta enforcar colega" (25/09), "Opus Dei. 'Santa Máfia' do Papa" (20/11), entre outras chamadas.

Segundo a matéria publicada em 12/01/96 no semanário O Independente⁶, João Luiz Urbaneja, então responsável pelas atividades da Universal em Portugal, em programa emitido pela SIC, rede pública de televisão, fez colocações em torno de práticas e concepções católicas percebidas como provocações e "chalaça grosseira". O bispo da IURD teria chamado a hóstia dos católicos de "biscoito" e o Purgatório de "um lugar com muitas pulgas". A Igreja Católica reagiu às provocações publicamente. O porta-voz da Diocese de Braga, monsenhor Eduardo Melo, em entrevista ao semanário, falou de "manobras" da Igreja Universal que "têm um fim claro: distrair os que, por debilidade de inteligência e fraqueza de vontade, ainda não conseguiram libertar-se do logro que caíram aderindo ao grupo. Da IURD, claro".

Com isso, os primeiros anos de atividades da IURD em Portugal ficaram marcados por tensões, conflitos e disputas vividas com intensidade no espaço público. Porém, como veremos mais adiante, a Universal, após resistências da opinião pública e acirramento de pressões por parte de autoridades locais, recuou e reviu sua postura no contexto português. Antes de examinarmos tal mudança, sublinharei a forte presença deste período inicial no imaginário de meus interlocutores.

Reconhecendo narrativas

As estratégias utilizadas pela Igreja Universal na sua entrada em Portugal fizeram com que alguns aspectos da denominação ganhassem maior visibilidade e ficassem marcados na memória daqueles que acompanharam o processo, de perto ou de longe. Desde que comecei a me inteirar das dinâmicas religiosas em Portugal,

⁶ Impresso extinto em 2006.

conversando com meus interlocutores, sem sequer mencionar meu interesse por suas percepções em torno da Igreja Universal do Reino de Deus, comentários surgiam espontaneamente, em diferentes contextos, por parte de pessoas de diferentes perfis e contextos socioeconômicos. A IURD parecia assunto obrigatório numa conversa com uma antropóloga brasileira interessada em estudar as religiões. Minha identidade nacional estabelecia o vínculo e colaborava em suscitar comentários em torno da denominação brasileira⁷.

A lembrança dos episódios sobre a denominação transmitidos pela televisão, denúncias de enriquecimento de seus líderes, depoimentos de pessoas que se sentiam extorquidas e enganadas pela Igreja Universal eram assuntos recorrentes. A memória de meus interlocutores estava marcada pela lembrança de episódios de um passado recente e era reforçada por comentários da opinião pública em torno da presença da IURD em Portugal difundidos desde então. Dessa forma, suas críticas direcionadas à Universal recorriam, como argumento, às reportagens veiculadas pela mídia sobre a denominação. Notícias de escândalos que estouraram no Brasil – e chegaram rapidamente ao outro lado do Atlântico – e denúncias sobre ações da denominação em Portugal eram lembradas pontualmente. Os mais citados, eram, sem dúvida, matérias que abordavam enriquecimento de membros da alta hierarquia da IURD. De modo geral, críticas à denominação tinham como ponto em comum duas questões: acusações em relação à recolha e ao uso do dinheiro pela denominação e o estranhamento do estilo de culto pentecostal. Tais apontamentos apareciam de forma recorrente em diferentes contextos.

Certo dia conversava com Lúcia, uma conhecida portuguesa católica de formação, porém atualmente “sem religião”. Lúcia tinha 49 anos e era secretária em um consultório médico. Diante de comentários sobre uma reportagem na SIC sobre candomblé, Lúcia exclamava com seu tom de voz firme usual. “Os brasileiros trazem tudo para cá. Trouxeram a IURD também e outras coisas mais”. Perguntei então se ela se lembrava como foi este processo. Ela disse que não acompanhou muito,

⁷ Da mesma forma, a marca deixada pela IURD associada à identidade brasileira era tão forte que “contaminavam” os grupos religiosos brasileiros como um todo, fazendo com que despertasse comparações e desconfianças em relação a eles. Tal situação não se restringia aos grupos evangélicos, mas também atingia outros segmentos religiosos – como, por exemplo, grupos carismáticos e a Igreja Messiânica.

mas nós (portugueses) tentamos nos mobilizar para evitar que ela se infiltrasse. Eles compraram grandes espaços, tentaram comprar o Coliseu no Porto... faziam eventos com milhares de pessoas em estádios. Era uma coisa assim... As pessoas ficam tendo piripagues... É aquela gritaria” E justificou: “A gente fizemos (sic) de tudo para que eles não se infiltrassem aqui como foi no Brasil. O que falavam é que eles tinham muita coisa, tinham helicóptero, apartamento de luxo. Para comprar tudo isso, eles precisam mesmo de ter muito dinheiro. E só podem tirar da malta que vai lá. Não que eles roubem das pessoas, penso que não, mas que eles induzam as pessoas a darem seu dinheiro e no meio daquele tumulto, daquela multidão, daquela coisa toda... as pessoas acabam dando. Mostrou na TV uma vez uma senhora que deu todo seu salário e ficou sem nada. Um monte de gente fez denúncia na televisão desse tipo.

A fala de Lúcia reúne diferentes aspectos em relação às questões anteriormente mencionadas – dinheiro e estilo de culto –, recorrentes nos depoimentos em torno da IURD, aspectos estes que procurarei salientar a partir de agora.

Lúcia tinha como principal fonte de informação a mídia, que faz circular informações com velocidade, unindo reportagens veiculadas no Brasil com matérias locais. Em 1995, circulava pelo Brasil uma série de acusações à IURD – veiculadas principalmente pela TV Globo. Apresentava um vídeo de Edir Macedo ensinando um grupo de pastores como pedir dinheiro foi um dos que causaram maior impacto na audiência e foi lembrado durante as entrevistas que realizei em Portugal, inclusive por Lúcia.

O vídeo foi levado a público em 22 de dezembro de 1995 pela Rede Globo, pelas mãos de um pastor dissidente, Carlos Magno. As imagens mostravam o Bispo Macedo de joelhos, contando o dinheiro arrecadado pela igreja, em um encontro na cidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Em certo momento, ele aparecia “ensinando” como arrecadar mais dinheiro para a igreja, dizendo: “você tem que chegar e se impor... Você nunca pode ter vergonha. Peça, peça, peça. Quem quiser dá, quem não quiser não dá. Ou dá ou desce”.

Nesta mesma época, eclodiu em Portugal a polêmica em torno da ocupação no Coliseu do Porto, espaço tradicional de cultura no país, sobre o qual já me referi anteriormente.

Na fala de Lúcia, a lembrança do episódio se desenrolou de tal forma que o dinheiro ganhou centralidade na sua argumentação. Seu raciocínio seguia a seguinte lógica: para comprar os espaços valorizados, é preciso de muito dinheiro, e se há dinheiro, ele vem dos fiéis. Lúcia levanta então a questão dos métodos de recolhimento de dinheiro, relembrando o imaginário de que a IURD “rouba” o dinheiro do povo. A negativa exclamada por Lúcia ganha explicação no estilo de culto. Ou seja, o estilo de culto pentecostal ganha relevo nas acusações em relação à IURD. Há um estranhamento não apenas em relação ao tom de voz inflamado, característico das pregações evangélicas pentecostais, como também dos mecanismos das orações fortes realizadas na Igreja Universal, com a participação intensa dos fiéis.

Aqui, a efervescência é vista como desvio, não apenas estético, como da própria pessoa. Ressalto que frequentemente meus interlocutores mencionavam a “gritaria” como um dos pontos de antipatia em relação à IURD. Conversando com uma senhora que pertence à Igreja Lusitana⁸ sobre a presença da IURD em Portugal, ela me falava do sentimento que lhe trazia o culto da Universal: “parece coisa de esquizofrênico, algo do tipo”, dizia-me ela.

Lembro aqui do caso de duas conhecidas, filhas de portugueses, uma nascida em São Tomé e outra em Cabo Verde, que mencionaram ter ido à IURD, na época em que ela chegou a Portugal, por curiosidade. Apontavam que estavam abertas a conhecer o que a denominação tinha para oferecer. Ambas mencionaram o estilo de culto como ponto decisivo para não retornar aos cultos da IURD. “Aquela gritaria não é para mim”, disse uma. “Quando ouvi aquela gritaria, aquela coisa, eu disse, para mim chega”, comentou a outra.

Na percepção de Lúcia, a exaltação usual dos cultos da IURD estaria associada à perda da capacidade de discernimento daqueles que entregam todo seu dinheiro à IURD. As imagens na TV parecem reforçar o argumento, segundo ela.

Vale aqui lembrar as observações feitas pelo sociólogo Mansur Dias (2006) em torno das matérias que foram publicadas sobre a IURD em jornais portugueses, quando houve a polêmica em torno da ocupação de espaços especiais no Porto e no distrito

⁸ Denominação protestante de origem anglicana fundada em Portugal no final do século XIX.

vizinho de Matosinhos. Sua análise aponta como era recorrente, no discurso dos jornalistas, tratar IURD como patologia.

Também me parece oportuno voltar a citar a reportagem especial publicada no jornal Público, no dia 27/08/1995. Nela, foi publicado o depoimento do jornalista Nuno Ferreira, no qual ele descreve sua participação num culto da IURD. Chama a atenção a forma como descreve o que viu: “Os gritos vão tornando-se cada vez mais insistentes e toda a gente grita, de braços espetado para a porta. Sai, sai!”. Em seguida, ele escreve: “O pastor gasta cerca de quinze a vinte minutos numa vociferação que eu chamaria infernal, se não se tratasse de um agente divino”. Mais adiante: “A voz insistente do pastor transforma a sessão de exorcismo colectivo num mar de histeria”. O jornalista descreve rapidamente uma situação de exorcismo, valorizando os movimentos de uma fiel: “atira-se ao chão, rebola, grita, abana a cabeça” (Ferreira, 1995, p.4).

Diante do que foi visto, há pistas de que a exaltação da oração e estilo de culto pentecostal é percebida como anomalia ou desvio – uma saída do eixo individual e sociocultural – dentro de um contexto em que o exercício do religioso é diretamente associado ao silêncio e à contemplação contida.

Lembro aqui da minha experiência em Fátima, durante as celebrações de aniversário da aparição de Nossa Senhora do Rosário. Na ocasião, chamou-me a atenção a prática do silêncio da multidão. Em vários momentos, o silêncio aparecia como momento forte na comunicação com o transcendente, como fonte de experiência sagrada. O silêncio, como respeito ao sagrado, é, dentro da dimensão católica, também um valor. No Santuário de Fátima, por exemplo, há placas nas entradas da basílica e da capela que interpelam o público, em diversos idiomas: “Silêncio. Estamos em oração”. Em outros espaços do santuário, é possível encontrar placas como “Você está entrando num local de peregrinação. Fale baixinho”. De certa forma, dentro da lógica católica, o sagrado passa pelo silêncio, ou, pelo menos, por uma expressão introvertida do crente.

Esta dimensão também ficou explícita em contato pessoal com o arquiteto Tombazis, que concebeu o projeto da Igreja da Santíssima Trindade, construção refinada inaugurada em 2007, destinada a abrigar multidões no Santuário de Fátima. O arquiteto deixou claro sua intenção de criar um espaço de serenidade e quietude, entendendo a igreja como um espaço de meditação e devoção a Deus. “My principle inspiration when we started the project was to create a serene space that would help

each and every user of the Church in his meditation and worship of God. We tried to create an interior that would be calm and quiet”⁹ (comunicação pessoal, 3/10/2008).

Ao dar visibilidade a um estilo de culto onde as orações fortes e exorcismos estão presentes cotidianamente nos rituais, a IURD deu margem a um estranhamento por parte dos portugueses acostumados com a rotina da Igreja Católica. Mesmo tendo igrejas pentecostais nos seus territórios, pareciam não ter familiaridade com estilo de culto dessas denominações, dada a discrição que elas vinham seguindo ao inserir-se no cenário religioso português.

Caminhos re-construção de uma imagem estigmatizada

Desde o episódio do Coliseu do Porto, em 1995, a IURD dá sinais de ter revisto suas ações e estratégias em Portugal. Com sua imagem fortemente abalada e investida de um forte estigma que tenderia a se reforçar ao longo do tempo, como acabamos de ver, o crescimento da denominação ficou comprometido. A IURD parecia obrigada a rever sua postura para poder permanecer e crescer.

Já em 1996, os jornais de Portugal anunciavam, em destaque, “as novas estratégias da IURD” (Público, 23/02/1996). O motivo: “IURD liderada por bispo português” (Expresso, 17/02/1996). A nacionalidade de Carlos Alberto Rodrigues, filho de imigrantes portugueses, nascido no Brasil, mas com nacionalidade portuguesa, era ressaltada. Carlos Rodrigues vinha substituir o bispo João Luiz Urbaneja, transferido para Madrid depois de estar dois anos como responsável pelas atividades da Universal em Portugal¹⁰. O Público anunciava que o novo bispo “tenciona introduzir um novo comportamento na relação com o exterior. Em contraste aparente com seu antecessor, Carlos Rodrigues surge com uma atitude mais dialogante do que a imagem de uma arrogância apontada a João Luís” (Leite, 1996, p.2).

Em entrevista ao Expresso (17/02/1996), o novo líder da IURD em Portugal teria declarado o objetivo de “fazer com que o crescimento da Igreja se desenvolva de uma forma mais pacífica”. A primeira decisão de Carlos Rodrigues seria a desistência da

⁹ “Minha inspiração principal, quando eu comecei o projeto, era criar um espaço sereno que ajudasse cada e todos os usuários da Igreja na sua meditação e devoção a Deus. Nós tentamos criar um interior que fosse calmo e quieto” (tradução livre minha).

¹⁰ Carlos Albero Rodrigues permaneceu menos de um ano em Portugal. Após ter feito o seu papel de acalmar as polêmicas em torno da IURD na mídia e cessado os ataques à Igreja Católica, retornou ao Brasil e foi substituído por Marcelo Breyner (Rodrigues e Ruuth, 1999).

compra do Coliseu do Porto. “Apaziguar e dialogar” seria o grande objetivo da liderança, que “tem a noção de que atravessam um momento delicado”. O Semanário publicou em 9/3/1996 uma entrevista com Carlos Rodrigues, que recebeu como chamada “A imagem da IURD não é das melhores”. Na entrevista, o bispo transparece uma postura de maior cordialidade e temperança nas respostas dadas à imprensa.

Ao longo dos últimos anos, chama a atenção investimentos significativos na reformulação da imagem da denominação e uma aproximação de um universo de significados e valores do contexto local. Através de pesquisas realizadas não apenas em Portugal, mas também em outros países, sabe-se que a IURD demonstra estar atenta a dinâmicas locais e disposta a operar traduções e, até certo ponto, a incorporar simbolismos e referências locais (Corten, 2003, Dozon, 2003, Freston, 2003, Seman, 2003, Swatowski, 2006)¹¹. Contudo, o que procurarei sublinhar, através do caso português, é a atenção da denominação para remodelação de sua imagem na esfera pública.

Desde 2003, os templos da Igreja Universal espalhados pelo país passaram a se chamar “Centro de Ajuda Espiritual”¹². Interessante associar a mudança no nome dos espaços de culto da IURD às colocações de Goffman (2008) sobre estigma e manipulação de identidades deterioradas. Ele aponta que é recorrente o esforço de pessoas perseguidas em adquirir uma identidade pessoal que não seja a “sua” ou em se desvincular de sua identidade original. O autor cita então a mudança de nome – um apoio de identidade – como o mecanismo mais empregado não apenas por pessoas físicas, mas também jurídicas. Contudo, como Goffman sublinha, o nome não é um modo muito confiável de fixar identidade – sabido sua facilidade de manipulação – de tal forma que, frequentemente aciona-se vários recursos de identificação. Neste processo de tentativa de deslocamento de identidade, diz Goffman, a biografia daquele que aciona uma determinada identidade e os símbolos sociais que carrega podem colocar nítidas restrições à maneira como o indivíduo – no caso, a organização – pode escolher se apresentar.

Neste contexto é interessante reparar que a mudança para “Centro de Ajuda

¹¹ Como sinalizou Mafra (2002), os pastores da IURD, estando suficientemente próximos dos ouvintes aos quais pretendem cativar, têm o papel de localizar os traços culturais locais facilitadores do enraizamento da mensagem.

¹² A IURD tem adotado este nome para seus espaços de culto em muitos países da Europa e até mesmo da América Latina, sinalizando uma tendência que está para além do contexto português.

Espiritual” sugere uma tentativa de dissociar a imagem da denominação à pretensão de ser uma igreja e aponta para um local de prestação de serviços espirituais. Aqui, é interessante lembrar a ponte que se cria com os grupos chamados *new age*, onde a palavra “espiritualidade” é utilizada em contraposição a religião enquanto instituição que propõem a adesão doutrinária. O novo nome do espaço de culto da IURD também se aproxima do contexto *new age* na medida em que sugere uma imbricação entre terapêutica e “espiritualidade”¹³.

Na Ajuda por exemplo, na fachada do Centro de Ajuda Espiritual, os horários de atendimento e os propósitos estavam dispostos de tal maneira que sugeriam consultas ou reuniões dissociadas de uma religião específica. Contudo, elementos religiosos cristãos como a cruz se faziam presentes no painel da fachada, ainda que de forma bastante discreta.

O slogan "Pare de Sofrer" e o símbolo da IURD (uma pomba dentro de um coração vermelho) também continuam estampados nos letreiros dos Centros de Ajuda Espiritual. Da mesma forma, nos programas de rádio e TV continuam a ser anunciados os endereços dos centros de ajuda na voz dos pastores e bispos. Também pude perceber que os novos espaços frequentemente eram associados à Igreja Universal do Reino de Deus pela população. Entretanto, alguns de meus interlocutores não reconheciam na nova nomeação a IURD e diziam pouco saber sobre a atuação da denominação.

Por outro lado, é possível notar que, nos veículos de comunicação da IURD, ataques diretos à Igreja Católica são evitados. No país onde o catolicismo é considerado tradição arraigada – embora críticas à Igreja estejam cada vez mais presentes, principalmente entre as novas gerações –, este recuo não sinaliza exatamente o fim da tensão com a religião hegemônica, mas uma nova postura perante o imaginário católico. Muito além de marcar um intimidamento diante da religião estabelecida, aparece como nova forma de se relacionar com a dimensão católica.

Nota-se que referências contrastivas em relação à Igreja Católica continuam presentes nas letras miúdas dos textos do Folha de Portugal e ocasionalmente nos templos, na boca dos pastores. Em um culto realizado no Templo Maior, localizado em Chelas, Lisboa, em um domingo de dezembro de 2007, o bispo Alfredo Paulo, principal representante da hierarquia da IURD em Portugal, falava sobre a campanha de captação de recursos para a construção de uma catedral da denominação no Porto. O projeto, que

¹³ Ver, por exemplo, Carneiro, 2007 e Siqueira, 2002.

logo adiante merecerá uma análise detalhada, ganhava, no discurso do bispo, um contraponto com ações da Igreja Católica em Fátima, como registrei em meu diário de campo:

O bispo anunciava o objetivo de arrecadar sete milhões de euros até o dia nove de dezembro para construir a catedral do Porto em 2008. Falava que isto não é muito se pensarmos que a nova basílica de Fátima foi construída com 90 milhões de euros e a igreja declarou publicamente que não foi preciso pedir empréstimo porque as contribuições dos fiéis foram suficientes para pagar todo o montante. O pastor adotou um tom crítico ao dizer que todos nós havíamos contribuído com a construção da nova igreja em Fátima já que pagamos impostos e “o governo sempre dá dinheiro para a construção de igrejas católicas”. E concluiu a queixa: "Só não dão para a gente. Dão para eles, mas não dão para a gente".

Nessa passagem, é evidente a insatisfação com os privilégios que a Igreja Católica desfruta junto ao governo – queixa recorrente entre os grupos religiosos minoritários em Portugal¹⁴ – assim como o paralelismo traçado entre o projeto da denominação e a nova basílica em Fátima, inaugurada em 2007 para receber multidões de peregrinos. Em matéria publicada na Folha de Portugal de 27 de Dezembro de 2007, é reforçada a idéia de que a nova construção da Igreja Católica é um referencial importante para a IURD:

Recentemente, a Igreja Católica portuguesa construiu um novo santuário em Fátima, com todo o "orgulho" o responsável pela obra disse que tinha rondado os 90 milhões de euros, tendo tudo sido pago com as contribuições dos fiéis. Também o Centro de Ajuda Espiritual lançou um projeto que visa construir um templo, na cidade do Porto. Obra gigantesca que terá um custo de mais de 7 milhões de euros, para

¹⁴ Desde 1940, quando foi assinada a Concordata entre Portugal e Vaticano, os privilégios da Igreja Católica – enquanto religião oficial – foram oficializados. Em 2001 a Lei de Liberdade Religiosa foi aprovada, que pressupõe igualdade de direitos para todos grupos. Contudo, há restrições para grupos religiosos com menos de 30 anos de atuação comprovada no país ou 60 no exterior – critérios que excluem o reconhecimento da IURD como religião. Em 2004 foi assinada nova Concordata, na qual foram revisados alguns aspectos, como por exemplo, o ensino religioso opcional nas escolas públicas e privadas.

a qual todos os membros e simpatizantes desta denominação têm vindo a contribuir (Folha de Portugal, 27/12/2007).

Nesse contexto, a iniciativa da IURD de construir a catedral no Porto não apenas deve ser vista como uma necessidade frente ao projeto de expansão da denominação, na medida em que ela encontra dificuldade para comprar novos espaços nas grandes cidades portuguesas, mas também como uma reforma de sua estratégia de ocupação do espaço urbano.

Neste percurso, nota-se que, por um lado, a IURD não insistiu em disputar grandes cinemas ou salas espetáculos bem localizadas nas cidades. No caso do Templo Maior, inaugurado em 2005, a denominação optou por criar um espaço amplo, a partir da reforma de um antigo galpão. Ele está localizado em uma área de Lisboa segregada social e espacialmente, com muitos prédios de habitação social e realojamento relativamente dispersos. Considerada uma área pouco segura de Lisboa, Chelas, que reúne imigrantes das mais diversas origens, carrega um forte estigma e é segregada espacial e socialmente. Tais características, poderia se pensar, numa associação rápida, explicaria a presença da IURD naquela região. Muitos frequentadores do templo são negros e imigrantes que moravam nas imediações do templo. Também é preciso levar em consideração a localização do lugar de culto que, embora não esteja numa área central da cidade, oferece relativa facilidade de acesso através do metro – através da linha que liga a área central de Lisboa à parte oriental e mais moderna da cidade¹⁵.

Diferentemente do Templo Maior, o projeto do Centro de Ajuda Espiritual do Porto aparece como uma forma de auto-afirmação e consolidação através da inserção na paisagem de uma obra considerável e de uma localização privilegiada – “a 500 metros da Casa da Música”, espaço bastante conhecido pelos portuenses principalmente por sua arquitetura contemporânea ousada e pelos altos valores dispendidos na sua construção.

No site Conte Comigo, que visa a divulgação e captação recursos para o Centro de Ajuda Espiritual do Porto, o projeto é apresentado. A sua descrição traz as mesmas características de qualquer outra catedral da IURD. Amplo auditório, estúdios de TV e rádio, livraria, praça de alimentação, espaço destinado às crianças, garagem e jardim.

¹⁵ A parte oriental da cidade de Lisboa, à margem do rio Tejo, se desenvolveu em função a Expo 98. Grandes investimentos – que beneficiariam a cidade como um todo –, fizeram com que esta área em particular fosse ocupada por grande quantidade de novos edifícios destinados à habitação e lazer.

Em relação às demais catedrais da IURD, contudo, o projeto traz uma diferença significativa em dois aspectos: a fachada do Centro de Ajuda Espiritual projetado para o Porto e a apresentação de suas atividades.

Poderíamos dizer que a construção de catedrais *iurdianas* vinham seguindo um padrão "ecclético com referências ao neoclássico", assim nomeado pelo Bispo Marcelo Crivela, engenheiro de formação e, oficialmente, um dos responsáveis pelo projecto da Catedral Mundial. Como sublinhou Edlaine Gomes (2004), a concepção de um padrão arquitetônico estava fortemente associada às noções de consolidação, permanência e fixidez de uma denominação que buscava se afirmar no espaço público. Variações de um mesmo padrão foram amplamente adotados pela denominação no Brasil e no exterior, na construção de inúmeras catedrais nas quais elementos neoclássicos são aplicados à fachada, como a Catedral Mundial da Fé, no Rio de Janeiro e templos principais das cidades de Belo Horizonte, Salvador (abaixo), Curitiba e Florianópolis, apenas para citar alguns exemplos.

Como projeto arquitetônico, o Centro de Ajuda Espiritual se distancia dos projetos de catedrais erguidas anteriormente pela Igreja Universal. Elementos identitários recorrentes nas catedrais da denominação até então se ausentam neste projeto. Nitidamente novas referências são adotadas. O projeto da catedral do Porto apresenta linhas contemporâneas e contempla duas tendências de expressão formal dentro do quadro minimalista. Uma mais convencional, onde o bloco de três andares com elementos ortogonais mantém a estabilidade já consagrada das construções da década de 50/60. O outro, horizontal, completa o conjunto e deixa visível tendências mais atuais. Nesse, uma parede que se eleva até uma certa altura nas laterais apoia grandes painéis de vidro.

As novas referências arquitetônicas adotadas pela IURD para este projeto, quando examinadas paralelamente com a descrição das atividades para as quais o Centro de Ajuda Espiritual se destina, sugerem uma nova apresentação da IURD em Portugal. No site Conte Comigo, lê-se:

Criado para atender e ajudar uma variedade de pessoas e solucionar os seus problemas, este Centro contará com palestras, terapias de grupo, seminários, aconselhamento e encaminhamento pessoal, profissional, sentimental e familiar.

O projeto do Centro de Ajuda Espiritual parece assim ratificar uma nova apresentação e também uma nova postura da Igreja Universal: mais discreta na sua atuação, menos contrastes e tensões com o hegemônico, maior competitividade. A renovação das estratégias adotadas pela denominação para inserção no espaço público português sinaliza uma flexibilização na forma de apresentação da IURD – através da qual a denominação abre mão de uma identidade que vinha procurando afirmar até então. Sugere uma tentativa de distanciamento definitivo da referência tradicional local católica, no qual o templo é espaço de contemplação e devoção, para propor uma concepção de lugar de culto enquanto lugar de serviços, terapias, aconselhamento e auto-ajuda. Ainda que o deslocamento seja significativo por sua proposta, ele deve ser visto não apenas como uma opção conceitual ou arquitetônica, mas também como uma possibilidade de inserção legal nas brechas do sistema legislativo português.

Segundo reportagem publicada pela Visão (13/08/2009), revista semanal portuguesa com ampla circulação nacional, o Centro de Ajuda Espiritual do Porto foi aprovado junto à Câmara do Porto como edifício de serviços, mais especificamente, um centro de congressos. De acordo com a reportagem, o projeto foi apresentado inicialmente por uma sociedade imobiliária. Posteriormente foi adquirido por investidores portugueses e brasileiros, que concederam o direito de uso do espaço à IURD por 19 anos.

Para além dos caminhos da transação, a situação apresentada pela reportagem sugere que o edifício foi concebido levando-se em conta as restrições impostas por órgãos reguladores locais. Sabendo-se das restrições que a IURD encontra para acionar a categoria religião em Portugal e, portanto, para alcançar legitimidade – seja legalmente ou na esfera pública, dimensões totalmente imbricadas¹⁶ –, a reformulação da sua apresentação no espaço público deve ser vista como resultado da busca por uma solução para o contexto português.

Ambiguidade da reconstrução

¹⁶ Para um estudo sobre relação entre acusações contra práticas de magia e feitiçaria como charlatanismo e os mecanismos sociais reguladores de acusações, ver Maggie (1992).

Vimos, anteriormente, que a IURD tem investido na renovação sua apresentação no espaço público em Portugal. Paralelamente, mesmo com todas reformas, ela mantém a mesma estrutura ritual e estilo de culto. Por um lado, nota-se um maior cuidado em fazer pedidos de dinheiro. Em um culto dominical no Templo Maior, o pastor orientava aqueles que estavam vindo à Universal pela primeira vez para não participassem na campanha com ofertas, pois, explicava ele, na Igreja Universal só dá dinheiro quem quiser. Também ouvi num dos programas de rádio produzidos pela denominação, que as pessoas poderiam ir ao templo e “deixar suas carteiras em casa”, pois na IURD “ninguém precisa pagar por nada”.

Por outro lado, a IURD mantém seu estilo de culto inflamado e uma cosmologia baseada na batalha espiritual. Ainda que os rituais de exorcismo sejam menos frequentes em Portugal do que nos cultos que assisti no Brasil e que eu tenha reparado em uma valorização da busca pelo Espírito Santo nos cultos dominicais no Templo Maior, a IURD mantém a oração forte como elemento básico das reuniões. Da mesma forma, o dinheiro continua mantendo sua centralidade ritual, sendo uma ferramenta de participação ritual do crente necessária para o alcance de qualquer resultado pretendido.

O resultado é uma construção de uma nova imagem que, até o momento, parece não encontrar reverberação significativa. O estigma atribuído à Igreja Universal tende a permanecer e a se perpetuar com base nas dinâmicas rituais cotidianas da denominação. Nesse sentido, é significativo que, nos últimos anos, a IURD tenha sido motivo de notícia com bem menos frequência, mas, nestas poucas vezes, aspectos recorrentes tenham ganhado destaque.

Em 2006 IURD voltava à mídia com a tentativa de compra do Café Império, espaço também histórico e localizado ao lado do cinema de mesmo nome, em Lisboa. Novamente houve resistência de atores sociais portugueses. Resultado: a venda do café à IURD foi cancelada. O espaço passou por reformas e foi reaberto ao público. O caso foi tratado pela mídia nacional como mais um episódio bem sucedido de resistência à Igreja Universal. A revitalização do café e a sua reabertura foram comemoradas.

Em agosto de 2009, circularam notícias sobre a grande investigação em torna das denúncias de lavagem e circulação internacional de dinheiro. Em 11/08, o jornal Público publicava a matéria “Brasil pode pedir ajuda a Portugal e países africanos para investigar Igreja Universal”. O Diário de Notícias da mesma data chamava a atenção para “Líderes da IURD acusados de associação criminosa e lavagem de dinheiro”.

Na mesma linha, a já citada reportagem de 13/08/2009, da revista *Visão*, ao noticiar a construção do Centro de Ajuda do Porto – e supostamente outro em Lisboa –, tem início com a seguinte frase: “O êxtase colectivo – gritos, braços erguidos, bater de pés no chão, o diabo a apoderar-se de corpos – já passou” (p. 28). A primeira foto da matéria que ocupa oito páginas da publicação traz a legenda: “Sob a observação de Edir Macedo, uma fiel em transe é socorrida, por pastores”. A jovem senhora está deitada no chão e Macedo, em uma cadeira forrada em veludo vermelho, observa o atendimento feito por dois pastores.

Por um lado, a IURD tenta driblar o estigma que dificulta sua penetração na sociedade portuguesa. Por outro lado, a denominação mantém práticas e sistemas nos quais as raízes desse estigma se apoiam: o lugar do dinheiro na cosmologia iurdiana e o estilo de culto marcado por momentos de efervescência. Ao reformular sua apresentação e manter-se com seu estilo de culto, cosmologia, teologia e ritual, a IURD acaba por criar uma ambiguidade. A imagem que tenta projetar acaba por criar uma tensão em relação àquilo que continua a oferecer.

Fica no ar, para que o tempo responda, sobre o sucesso de tais mudanças operadas pela IURD em Portugal. Conseguirão elas diluir o estigma criado em torno da denominação? Serão eficientes na construção de uma nova identidade social? Ou reforçarão o estigma através de uma interpretação da remodelação como mais uma estratégia proselitista?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBRÉE, Marion. 200. *La diffusion du pentecôtisme brésilien en France et en Europe: le cas de l'I.U.R.D.* Em LERAT, Christian e RIGAL-CELLARD, B. (orgs.). *Les mutations transatlantiques des religions*. Bordeaux: PUB.

AZEVEDO, Ana Paula, ROLIM, Maria Luíza e ROBALO, Mário. *IURD liderada por bispo português*. Expresso, 17/02/1996.

CAMPOS, Leonildo. 1997. *Teatro, Templo e Mercado*. Petrópolis: Vozes.

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago*. São Paulo: CNPq/Pronex: Attar, 2007.

CORTEN, André, DOZON, Jean-Pierre e ORO; Ari Pedro 2003. *A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas.

CORTEN, André . 2003. *A Igreja Universal na África do Sul*. In: *A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas.

DIAS, Guilherme Mansur. 2006. *Expansão e choque: a Iurd em Portugal*. In: Igor José de Renó Machado (org.), *Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal*. São Paulo: EdUFSCar.

DOZON, Jean-Pierre. 2003. *A Igreja Universal na Costa do Marfim*. In: *A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas.

FARIAS, Miguel. 1999. *The siege of Oporto's Coliseum - Portuguese Media and New Religious Movements*. In: <<http://www.cesnur.org>>. Acesso em: 13/10/2009.

FREAZA, Iza de Salles e ROLIM, Maria Luiza. *Polícia Judiciária investiga IURD* Expresso. 06/01/1996.

FERREIRA, Nuno. *A minha aventura no Reino de Deus*. Público. 27/08/1995.

FILLOL, Joana e LOUREIRO, Joana. *IURD, o céu a seu dono?* Visão, 13/08/2009.

FRESTON, Paul. 2003. *A Igreja Universal na Ásia*. In: *A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas.

FONSECA, Alexandre Brasil. 1997. *Os evangélicos e a mídia no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ. (Dissertação de Mestrado).

GOFFMAN, Erving. 2008. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.

GOMES, Edlaine. 2004. *A Era das Catedrais*. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ. (Tese de doutorado).

Igreja Universal do Reino de Deus. < <http://iurd.pt> > Acesso em 15/12/2009.

Igreja Universal do Reino de Deus. < <http://www.igrejauniversal.org.br> > Acesso em 15/12/2009

KRAMER, Eric. 2001. *Possessing Faith. Commodification, Religious Subjectivity, and Collectivity in a Brazilian Neo-Pentecostal Church*. Chicago: The University of Chicago. (Tese de Doutorado).

LEITE, Alfredo e PONTES, David. *Portugal Universal*. Público. 27/08/1995.

LEITE, Alfredo . *As novas estratégias da IURD*. Público, 23/02/1996.

MAFRA, Clara. 2002. *Na posse da palavra - religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

_____. e SWATOWISKI, Claudia. 2008. *O balão e a catedral: trabalho, lazer e religião na paisagem carioca*. *Anthropológicas*. Recife, v.19 (1), p.141 – 167.

MAGGIE, Yvonne. 1992. *O Medo do Feitico: Relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

MARIANO, Ricardo. 1995. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. São Paulo, USP. Dissertação de Mestrado em Sociologia.

_____. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola.

ORO, Ari. 1992. *Podem passar a sacolinha : um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro*. Cadernos de Antropologia. V. 9, p. 7-44.

_____. 1996. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes.

_____. 2004. *A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Estudos Avançados. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004

MARTINS, José e ROSA, Gustavo. 1996. *Igreja Universal do Reino de Deus. Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a Tomada do Poder*. Lisboa: Hugin.

MARQUES, Fernando. *Edir Macedo, "bispo" do Reino de Deus no Porto. Justiça brasileira emitiu ordem de prisão preventiva*. Público. 29/06/1992. p. 30-31.

RIBEIRO, José Luís. *Voz da reação*. O Independente. 12/01/1996. p.39.

RODRIGUES, Donizete e Ruuth, Anders. 1999. *Deus, o demônio e o homem. O fenômeno Igreja Universal o Reino de Deus*. Lisboa: Edições Colibri.

SEMAN, Pablo. 2003. *A Igreja Universal na Argentina. In: A Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas.

SIQUEIRA, Deis. 2002. *New religiousness in the capital of Brazil*. Tempo soc., São Paulo, v. 14, n. 1, May 2002 .

SWATOWISKI, Cláudia W. 2003. *A Igreja Universal do Reino de Deus através da mídia: um estudo sobre emissão e recepção dos meios de comunicação de massa da Universal Produções*. Monografia de Graduação: ECO/UFRJ.

_____. 2006. *A Igreja Universal na capital nacional do petróleo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

_____. 2007. *Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo*. In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v.27, p.114 – 131.

_____. 2009. *Proselitismo midiático e as bases da recusa à Igreja Universal: um estudo de caso*. *Ciencias Sociales y Religión*. Porto Alegre, v. 11, p. 131-135.